Em Santa Catarina começam a aparecer os primeiros frutos desta preocupação: surgimento da equipe regional de Pastoral da Comunicação, surgimento de equipes diocesanas e até paroquiais de Comunicação. Tudo isso é fermento na massa, que aos poucos vai tomando forma e delineando uma nova postura frente aos MCS.

não perder esta oportunidade que a Campanha da Fraternidade nos oferece.

Alertamos, pois, para a necessidade de as dioceses estarem preparadas e não perderem esta oportunidade que a Campanha da Fraternidade do próximo ano nos oferece. Porém, que nossa preocupação não seja unicamente motivada pela Campanha, mas sobretudo pelo desejo de fazer Jesus Cristo mais conhecido entre os homens de boa vontade. É a mensagem do Reino que queremos comunicar, e só a comunicaremos se formos capazes de colocar os MCS a seu serviço. Enquanto eles estiverem a serviço da sociedade capitalista, o projeto do Reino não será eficazmente anunciado. Devemos levar em conta que a construção da nova sociedade, hoje, passa necessariamente pela mediação dos MCS. O desafio está lançado. Quem se habilita?

Notas

(1) Recente, como organismo do Regional ou das dioceses. Evidentemente, ninguém desconhece o que tem sido feito nesse campo, no Estado, há muito tempo, em jornais católicos de boa penetração como, aqui de Florianópolis, "O APOSTOLO", ou, de Lages, o "GUIA SERRANO", e várias rádios católicas paroquiais, boletins, folhas diocesanas etc.
(2) Ata da 2ª Assembléia do Regional Sul IV, 13-17 de abril de 1971, p.15.
(3) Cf. Livro 1 de Atas das Assembléias do Regional Sul IV, p. 21, 29, 34, 43, 46, 52 etc.
(4) Cf. Relatório do Encontro com os responsáveis regionais de Comunicação realizado em Brasília de 9 a 11 de março de 1988.
(5) Cf. 9º Plano bienal da CNBB.
(6) Relatório da Reunião da Equipe Regional dos MCS, a 1º de dezembro de 1987.
(7) Ibidem.
(8) Relatório da Reunião da Equipe de Pastoral da Comunicação, realizada em 12 de abril de 1988.
(9) Cf. Relatório do Seminário sobre os MCS, ocorrido em Lages, de 3 a 5 de maio de 1988.
(10) Trata-se da aplicação da proposta do Encontro com os responsáveis pela Comunicação nos Regionais, acontecido em Brasília, de 9 a 11 de março do corrente ano, à realidade catarinense.
(11) Cf. Relatório do Seminário sobre os MCS ocorrido em Lages de 3 a 5 de maio de 1988.

Endereço do autor:
Seminário do ITESC
Caixa Postal 5041
88041 — FLORIANÓPOLIS, SC

O DESTAQUE DOS MCS NA AÇÃO PASTORAL

Pe. VITOR GALDINO FELLER
Professor de Teologia Dogmática

Os MCS, juntamente com a juventude e a família, formam a tríade de destaques da ação pastoral da Igreja no Brasil. O documento 38 da CNBB, que apresenta as diretrizes gerais (objetivo, linhas e destaques) desta ação pastoral, para o quadriênio 87-90, formula, nos números 150-197, ricos de conteúdo, questionamentos e sugestões práticas, o sentido e as razões da escolha dos MCS como primeiro destaque da evangelização nos próximos anos.

Queremos aqui fazer uma breve resenha, de forma resumida e articulada, do que aí se encontra, com o único objetivo de ampliar, em favor das comunidades e paróquias de Santa Catarina, a reflexão sobre a problemática que está por trás da relação entre evangelização e MCS. Sejamos claros: não pretendemos criar em relação ao conteúdo aí apresentado; pretendemos somente criar em relação à forma como esse conteúdo é colocado, em termos de aglutinação ao redor de determinados temas, para a facilitação da leitura.

1. Num primeiro momento, há uma constatação do fato de estarem os MCS *a serviço de interesses* de grupos detentores do poder econômico, político e ideológico, que, com a justificativa da modernização das tecnologias e o favorecimento das concessões governamentais, vão buscando o lucro e o poder, enquanto criam numa sociedade que consome os "bens" que eles mesmos produzem.

2. Correlativamente, constata-se que os MCS *não estão a serviço da superação* das injustiças, da compreensão entre as pessoas, da atenção às necessidades das classes populares, da construção de uma sociedade justa e fraterna.

3. Como *meios para a obtenção de seus interesses*, as minorias detentoras dos monopólios dos MCS usam a exploração dos sentimentos e paixões, a banalização do sexo, a massificação da cultura, o controle das informações, a neutralização da vontade popular de mudança, a comercialização da comunicação.

as minorias detentoras dos monopólios dos MCS usam a exploração dos sentimentos e paixões

4. Passando do nível das constatações (ver), para o da reflexão julgadora, os bispos lembram que os MCS deveriam *favorecer o direito* de todos à informação, e favorecer também a expressão das classes sem voz, a vontade popular de participar na construção da sociedade democrática, a formação do senso crítico.

5. Como meios que a Igreja tem encontrado para *reagir a esse uso abusivo dos MCS* estão as CEBs, com o incentivo que nelas se dá à informação de nível grupal, à formação

de comunicadores populares, à comunicação direta-dialogal entre emissor e receptor sobre problemas que afetam a ambos, ao senso crítico grupal frente à massificação promovida pelos MCS.

6. Diante da realidade e da reflexão que sobre ela se faz, passando para as propostas de ação, a Igreja vê-se *diante de dois desafios:* sua atuação e presença nos MCS, por eles e através deles; e o uso dos próprios Meios, sobretudo o preparo de seus comunicadores.

7. *Primeira atitude* é a busca do conhecimento, compreensão e experiência do fenômeno da comunicação social, em vista de melhor adaptação da ação pastoral a esta nova realidade.

8. *Segunda atitude* é a busca de uma ação conjunta em dois sentidos: um interno, dos MCS da própria Igreja (110 rádios e 60 jornais e revistas) e seus comunicadores com a Pastoral de Conjunto; e outro externo, dos mesmos com os grandes veículos que não são da Igreja.

integração da Pastoral da Comunicação com as outras dimensões pastorais

9. Para que estes esforços dêem resultado, propõe-se como *meios-atividades:* a) organização e dinamização das Equipes Regionais e Diocesanas de Comunicação, que se encarregariam de estar presentes nos MCS locais, usar meios alternativos, formar o senso crítico do receptor; b) mobilização de todos os agentes de pastoral, com o fim de definir políticas de Comunicação diante das mudanças da sociedade brasileira e dos desafios das novas tecnologias; c) integração da Pastoral da Comunicação com as outras dimensões pastorais, sobretudo com os outros dois destaques, a família (e a criança) e a juventude, como dois receptores que, sendo alvo das mensagens consumistas e hedonistas, precisam ser ajudados na formação de um senso crítico que, não rejeitando simples e defensivamente, favoreça o discernimento dos valores; d) dinamização da CF 89, com o tema "Fraternidade e Comunicação"; e) constituição de uma comissão de alto nível, da CNBB, para contacto com os responsáveis pelos grandes MCS; f) cursos para produtores de videocassetes, rádio, boletins, etc.

10. O destaque dos MCS levanta alguns *questionamentos à ação evangelizadora da Igreja*. O documento 38 os apresenta na forma de 27 perguntas (números 171-197), que pedem respostas urgentes, e que podem encaixar-se dentro das relações dos MCS com as seguintes preocupações: formação dos futuros presbíteros, capacitação profissional de comunicadores eclesiais, ação dos comunicadores leigos e dos leigos em geral no uso da comunicação em favor da construção de uma nova sociedade, voeação missionária da Igreja, formação do senso crítico do(a) catequista e do catequizando, uso do som e da imagem na catequese, liturgia como lugar de comunicação (rádio e TV, homilias, folhetos), reflexão e ação ecumênicas, reação ao radicalismo de alguns programas das seitas, formação do senso crítico da família, da criança e do jovem.

Como se vê, a posição da CNBB, embora bastante crítica, passa mais pelo positivo (o bom uso dos nossos Meios e o senso crítico diante dos veículos massificantes) do que pelo negativo (a atitude defensivo-apologética e a rejeição pura e simples).

Possam estas reflexões da CNBB, já elaboradas na prática e a partir da prática, levar-nos novamente à ação, mais enriquecidos e motivados agora, de modo a "viabilizar na prática comunicacional da Igreja consigo mesma e da Igreja com o mundo o que até agora estava em plano teórico. E assim a Comunicação será cada vez mais instrumento de comunhão e participação" (n. 169).

Fonte: "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, 1987-1990", *Documentos da CNBB, nº 38, Ed. Paulinas, SP, 1987, p. 117-128.*

Endereço do autor:
Seminário do ITESC
Caixa Postal 5041
88041 — FLORIANÓPOLIS, SC

ÉTICA E INFORMÁTICA MORAL E COMUNICAÇÃO

Pe. Orlando Brandes
Professor de Teologia Moral

INTRODUÇÃO

Os Meios de Comunicação Social serão o tema da Campanha da Fraternidade do próximo ano (1989). Este número de Encontros Teológicos quer ser uma modesta contribuição ao tema numa pastoral de conjunto. Outros dois fatos chamam a atenção em relação à comunicação: a revolução eletrônica, especialmente a informática, cuja "Inteligência Artificial" chega até nós graças ao computador. O relacionamento do homem com a máquina, a cibernética, a eletrônica, a informática e seus derivados trazem problemas inéditos para a ética da comunicação e da informação. O outro fato que chama a nossa atenção no que tange à comunicação é o projeto de Informatização da Igreja por iniciativa do Vaticano e a invasão da "Igreja Eletrônica", isto é, a presença das seitas nos MCS, especialmente na televisão.

O presente artigo divide-se em duas partes. A primeira contempla as questões éticas ligadas à informática e a segunda trata da moral da comunicação e dos MCS no mundo de hoje. É preciso despertar para a informatização da sociedade e suas conseqüências, como também contribuir para que a Era da Comunicação não seja a Era da Solidão, do isolamento e da incomunicabilidade. Este serviço, a ética o pode oferecer ao homem de hoje.

O texto básico da primeira parte é o livro de Theodore Roszak, "O Culto da Informação", Editora Brasiliense, SP